

## COMPREENSÕES SOBRE O ESCREVER ENQUANTO EXPERIÊNCIA E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ana Carolina de Oliveira Salgueiro de Moura<sup>1</sup>

Débora Pereira Laurino<sup>2</sup>

---

### Resumo

Este artigo discute sobre o escrever como forma de contribuir com processos de aprendizagem no contexto da educação a distância. Com essa intenção, aborda-se o escrever enquanto experiência como um processo de conversação, um emocionar que se torna linguagem, gera mudanças estruturais e contribui com a autonomia e criatividade no espaço de convivência do escrever. Inúmeras são as possibilidades dos contextos do escrever, porém nessa pesquisa o foco de análise está nos escreveres de professores-cursistas da Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação, o qual acontece a distância. Baseia-se na Análise Textual Discursiva como forma de evidenciar a experiência com o escrever desses professores-cursistas e compõe-se um metatexto em que são identificados os encontros desses escreveres com as compreensões tecidas pelas autoras a partir do suporte teórico que possibilita o argumento explicativo das análises.

**Palavras-chave:** Escrever; Redes de Conversação; Experiência; Educação a Distância; Aprendizagem

---

### 1 INQUIETAÇÕES SOBRE O ESCREVER

---

<sup>1</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Há sete anos atua na educação a distância onde atualmente é professora da Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação e da Especialização em Educação Ambiental. Endereço: Rua Radialista Carlos Alberto Lopes, nº 731. Cassino - Rio Grande/RS. 96208230 - Rio Grande, RS - Brasil. Telefone: (53) 99695819 E-mail: [eacosm@yahoo.com.br](mailto:eacosm@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Rio Grande - FURG e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências. Endereço: Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Matemática, Estatística e Física. Avenida Itália Km 8. Carreiros. 96201-900 - Rio Grande, RS - Brasil. Telefone: (53) 32336674 E-mail: [deboralaurino@vetorial.net](mailto:deboralaurino@vetorial.net)

A mão segura o lápis e começa o ‘desenho’ sobre a folha em branco... As mãos apóiam-se no teclado e começam a dedilhar palavras... Que ‘desenhos’, que palavras são essas? São significações? Expressões? Pensamentos? Reflexões? Emoções? Pensamos para escrever? Ou escrevemos para pensar?<sup>3</sup> Essas perguntas trazem em si outros questionamentos: precisamos escolher o escrever para pensar ou o pensar para escrever? O pensar para escrever e o escrever para pensar contribuem com nossos processos de aprendizagem? Podemos sentir para escrever ou escrever para sentir? Aprendemos escrevendo?

Essas perguntas nos conduzem à questão de pesquisa: como o escrever na experiência contribui com o aprender? Para esta investigação escolhemos o contexto da Educação a Distância (EaD) onde atuamos como professoras e onde o escrever é uma prática recorrente entre professores, tutores e estudantes. As compreensões sobre as possibilidades de aprender com o escrever foram feitas a partir de textos dos professores-cursistas da Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação – TIC-Edu, oferecido a distância pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, através do Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB.

Com o objetivo de discutir sobre como o escrever na experiência contribui com o aprender no contexto da educação a distância, estruturamos o artigo em quatro eixos de discussão. No primeiro eixo trazemos uma abordagem teórica da compreensão sobre o escrever; no segundo descrevemos o espaço do escrever dessa investigação e pensamos sobre este espaço no âmbito teórico, no terceiro eixo trazemos os escreveres<sup>4</sup> dos professores-cursistas para o diálogo e no quarto, tecemos reflexões sobre o nosso próprio escrever nesta investigação sobre o escrever.

No primeiro eixo, denominado “Compreensões do escrever” entrelaçamos alguns conceitos, ‘dando voltas com’<sup>5</sup> Varela, Thompson e Rosch (2003), para compreender o escrever enquanto uma experiência; com Maturana (2001, 2002 a e b, 2010) discutimos o escrever como um processo de conversação, um emocionar que se torna linguagem e gera

---

<sup>3</sup> Marques (2006, p.15) propõe o “[...] escrever para pensar, uma outra forma de conversar” e Galiazzi e Moraes (2002, p. 240) afirmam que é possível que a lógica tradicional inverta-se: “Do pensar para escrever desenvolve-se o escrever para pensar.”

<sup>4</sup> Utilizamos ao longo desta pesquisa a expressão “escreveres” que criamos a fim de enfatizar que compreendemos o escrever como processo e não como algo finalizado, como poderia ser compreendida a palavra “escrito”.

<sup>5</sup> Para Maturana (2002a), a palavra conversar vem do latim “cum”, que significa com, e “versare”, cujo sentido é “dar voltas com” o outro com quem conversamos.

mudanças estruturais, criadas pelo espaço de convivência do escrever e com Marques (2006) abordamos esse processo como coletivo, ainda que seja feito na singularidade.

Ao escrevermos sobre os “Espaços do escrever” pensamos sobre os contextos nos quais escrevemos e delimitamos nosso foco de análise. Em “Escrever: algumas experiências” identificamos encontros dos escreveres das professoras-cursistas com nossas compreensões e com escreveres de autores que abordam o aprender e a experiência e assim costuramos uma rede de conversas sobre o escrever. Ao escrevermos “Uma Experiência com o Escrever” fazemos o fechamento das reflexões aqui propostas, sem, no entanto, encerrar a pesquisa e as investigações, mas, pelo contrário, apontar caminhos para que outras investigações e compreensão possam ser realizadas.

## 2 COMPREENSÕES DO ESCREVER

Para que pudéssemos investigar sobre o escrever e, agora, para que possamos compartilhar esta pesquisa, é necessário apresentarmos a rede conceitual que construímos sobre o escrever. Compreendemos o escrever como ação, reconstrução e movimento, entendemos o próprio escrever como experiência e, por isso, nosso foco de pesquisa está no escrever e não na escrita: “[...] não se pode confundir o escrever com a escrita, a ação com a obra finalizada”, porque o “escrever se faz assim forma de vida consciente, reflexiva, aberta sempre a novas aprendizagens...” (MARQUES, 2006, p.12).

Dessa forma, propomos entender o escrever como experiência, no sentido de ação incorporada, que acontece na atenção, a qual é uma prática que tem como objetivo “[...] levar a pessoa a tornar-se atenta, experienciar o que a mente está fazendo enquanto ela o faz, estar junto com a própria mente” (VARELA, THOMPSON E ROSCH, 2003, p. 40). Podemos então, compreender o processo do escrever como forma da pessoa que escreve experienciar, assimilar, reviver e refletir sobre a própria experiência. Ao se escrever a reflexão – o relato, o registro da experiência – com atenção/consciência, ou seja, como ação incorporada, a reflexão passa a ser não apenas sobre a experiência,

[...] mas ela própria é uma forma de experiência – e a forma reflexiva de experiência pode ser desempenhada com atenção/consciência. Quando a reflexão é feita dessa forma pode interromper a cadeia de padrões de pensamentos habituais e preconceções, de forma a ser uma reflexão aberta – aberta a possibilidades diferentes daquelas contidas nas representações comuns que uma pessoa tem do espaço da vida. (VARELA, THOMPSON E ROSCH, 2003, p.43).

Assim, a aprendizagem pode se construir, ao processar a experiência e explicá-la, através da linguagem escrita. A experiência do escrever pode ser também compreendida como uma rede de conversação entre interlocutores imaginários e/ou autores, criando espaços de convivência.

O escrever é isso aí: interlocução. Quais os interlocutores nesse ato aparentemente tão pessoal, solitário, reservado, silencioso? Os possíveis leitores que, parecendo tão distantes, já me estão espionando, indiscretos e metidos; os amigos a quem vou mostrando o que escrevo; os muitos autores que vão enriquecendo a listagem de minhas referências bibliográficas; os que estão com a mão na massa das práticas que busco entender. (MARQUES, 2006, p.26).

Nesse sentido é que entendemos o escrever como uma rede de conversação, na qual vários interlocutores se expressam e movimentam o escrever, de forma recursiva, reflexiva, inquietante, emocional. Para Maturana (2001, p. 98), “existimos como seres humanos no domínio da linguagem: é na linguagem, nas coordenações de ação que acontece isso da conversação, do discurso, da reflexão, da poesia”.

Nestas redes fechadas de coordenações consensuais de emoções e linguagem, nossas ações e o fluxo de nossas ações na linguagem mudam ao mudarem nossas emoções, e nossas emoções e o fluxo de nosso emocionar mudam ao mudarem nossas coordenações de ações na linguagem. Chamo de conversação nossa operação nesse fluxo entrelaçado de coordenações consensuais de linguajar e emocionar e chamo de conversações as diferentes redes de coordenações entrelaçadas e consensuais de linguajar e emocionar que geramos ao vivermos juntos como seres humanos. (MATURANA, 2001, p.131).

Consideramos assim o escrever como processo coletivo de escritas singulares. Tais escritas são coletivas quando pensamos nos supostos leitores, nos autores com quem se conversa e nas experiências singulares e coletivas de quem escreve. Também o escrever pode ser coletivo quando se constrói por si mesmo em espaços de convivência, como nos fóruns de discussão, por exemplo. Dessa maneira assumimos que ao escrever aprendemos pela convivência e pelas transformações decorrentes dela, na aceitação do outro e no nosso emocionar.

Se o ato de escrever é um processo de conversação, e se este acontece de forma recorrente, o escrever pode ser também recursivo e possibilitar a aprendizagem, pois para Maturana (2010) ao conviver em uma rede de conversação desencadeamos transformações

recorrentes, mudanças estruturais, perturbações, em movimentos de coordenações de coordenações de ações<sup>6</sup>. E assim criamos um espaço de convivência em que ensinamo-nos mutuamente, aprendemos juntos ao escrever em uma rede de conversação.

Desse modo, “escrever, além de contribuir com a reflexão [...], colabora para o exercício da memória, para a elaboração do pensamento coerente e o desenvolvimento do raciocínio” (MOURA, et. al., 2009, p. 44). Escrever tem esse sentido de processo: enquanto escrevemos, fazemos reflexões, conexões; reestruturamos, ressignificamos, revemos, revivemos e vivemos; processo esse que vem junto com os leitores e as leituras que serão feitas. O escrever tem essas compreensões, tem esse sentido processual, esse sentido de aprender na/pela própria ação.

Através das nossas interlocuções com estes autores entrelaçamos conceitos para algumas compreensões do escrever enquanto experiência e processo do aprender, na intenção de buscar algumas compreensões sobre como escrever na experiência contribui com o aprender a partir das reflexões dos professores-cursistas sobre o escrever.

### 3 ESPAÇOS DO ESCREVER

Escolhemos para esta pesquisa, olhar, ler e investigar o escrever na EaD mediado pelas tecnologias digitais, por ser um dos campos em que atuamos profissionalmente e pelo fato do escrever ser experienciado como forma de comunicação e interação. Com a EaD, é possível recriar a cultura de leitura e escrita no meio digital, no qual a leitura e a escrita também ocupam o lugar de registro e podem trazer a apresentação do apreendido, das compreensões e significações, além de se constituir no espaço recorrente de comunicação, de trocas de mensagem, de concepções, de entendimento e de aprender.

Como nos aponta Recuero (2009, p.120) a comunicação mediada pelas tecnologias digitais “[...] é um tipo de comunicação que ainda privilegia especialmente o texto, mais do que o som e o vídeo (apesar de seu desenvolvimento em hipermídia, a maior parte das ferramentas de comunicação ainda é principalmente textual [...])”.

[...] na EaD, é possível oferecer situações de aprendizagens significativas a partir do conversar pela escrita, considerando que essa é um dos principais elementos constitutivos dessa modalidade de educação. Isso devido à necessidade da mediação

---

<sup>6</sup> Para Maturana (2006), as coordenações de coordenações de ações relacionam-se com a história de interações recorrentes e com os consensos estabelecidos na convivência.

tecnológica e da diminuição da distância transacional, pois esses dois fatores exigem que os estudantes e professores desenvolvam as habilidades de conversar através da leitura e da escrita, de estabelecer um diálogo mediado pela tecnologia, além de repensar seus papéis de educadores e de estudantes. (DUVOISIN, VANIEL, MOURA e LAURINO, 2009, p.07).

Por perceber a EaD como este espaço que propicia e instiga o escrever e por nossa atuação no Curso de Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação, o qual acontece na modalidade a distância, escolhemos como foco de análise escreveres singulares produzidos por estudantes desse curso. Os estudantes desta especialização são, principalmente, professores, e o escrever é uma prática cotidiana das suas atividades acadêmicas dentro do curso através de fóruns e tarefas.

Compartilhamos neste artigo os primeiros encontros e compreensões com o escrever, os quais foram realizados a partir dos escreveres de algumas professoras-cursistas<sup>7</sup> em uma das tarefas propostas durante o primeiro semestre de curso. De um total de 123 estudantes do curso, foram enviadas 102 tarefas e trazemos para análise e discussão deste artigo trechos das reflexões de 10 professoras-cursistas.

Na tarefa em questão foi solicitado que as professoras-cursistas escrevessem um texto tecendo considerações acerca das propostas e participações nos fóruns, conforme detalhado no quadro a seguir.

Quadro 01 – Enunciado da tarefa

Nesta tarefa vocês deverão escrever um texto tecendo considerações sob duas perspectivas:

- Com relação às propostas elaboradas pelos professores nos fóruns
- Com relação a sua própria participação e aprendizagens

Para isso vocês deverão ter como referência o Fórum *A conversa mediada pela escrita*<sup>8</sup> o qual apresenta uma proposta de discussão relacionada aos textos *Conversar pela Escrita*<sup>9</sup> e *Rede de conversação, formação de professores e tecnologias digitais*<sup>10</sup>, todos referentes a aula 04.

Então, **a partir das discussões apontadas nestes textos analisem e avaliem este fórum de acordo com as seguintes questões orientadoras:**

<sup>7</sup> Optamos por identificar as participantes dessa pesquisa dessa forma, pois atuam como professoras e estão como cursistas da especialização e os escreveres singulares analisados são todos de mulheres.

<sup>8</sup> Este fórum foi proposto na aula anterior a solicitação da tarefa apresentada no Quadro 01. Os professores-cursistas participaram deste fórum para discutir sobre as possibilidades de aprender ao conversarem nos fóruns do curso.

<sup>9</sup> DUVOISIN, I. A.; VANIEL, B. V.; MOURA, A. C. de O. S. de; LAURINO, D. P. Conversar pela escrita: possibilidades de aprendizagens na educação a distância. I Encontro Internacional do Sistema Universidade Aberta do Brasil Brasília, 23, 24 e 25 de novembro de 2009.

<sup>10</sup> RODRIGUES, S. C.; MARASCHIN, C.; LAURINO, D. P. Rede de conversação, formação de professores e tecnologias digitais. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n30/14.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2010.

- Com relação as propostas de discussão elaborada pelos professores
    - Estavam claras?
    - Estimularam você a refletir? Por quê?
    - Instigaram você a ler o texto para participar?
    - Você sentiu-se a vontade para colocar suas experiências?
  - Com relação a sua própria participação e aprendizagens
    - A maneira como você postou favoreceu o diálogo com os colegas? Como?
    - Que contribuições os textos trazem para você conhecer as formas de participação nos fóruns?
    - De que maneira os textos abordam a questão da aprendizagem nos fóruns?
- Procurando responder estas perguntas elabore um texto único e coeso, no qual você deverá citar fragmentos dos textos lidos para dialogar com suas percepções, análises e avaliação.**
- Bom trabalho!

Optamos por selecionar esta tarefa para a investigação das experiências do escrever, pois esta atividade produziu textos que abordam a experiência e a reflexão sobre o escrever em fóruns. Assim, esta produção possibilita investigarmos não só os escreveres produzidos, como também a reflexão sobre o próprio escrever; nos permite compreender o escrever em um contexto singular – a tarefa; sobre o escrever no coletivo – o fórum.

Acreditamos que o escrever singular das tarefas propicia a criação de textos reflexivos, em que os estudantes validam, contrapõem e argumentam com suas próprias significações e dialogam com autores. Já os fóruns, propiciam que redes de conversação dos escreveres singulares sejam criadas e nestas redes cada participante expõe, compartilha e faz a recursão de suas próprias concepções, permitindo a construção de significados através da interação, pelas desconstruções e reconstruções, em um movimento recursivo, de “ouvir” e “falar”.

A análise dos escreveres foi inspirada na metodologia de Análise Textual Discursiva - ATD, a qual busca a compreensão de textos escritos por diferentes autores (sujeitos da pesquisa) e a partir desta compreensão cria um outro texto a fim de comunicar o aprendido. Essa análise “[...] opera com significados construídos a partir de um conjunto de textos. Os materiais textuais constituem significantes a que o analista precisa atribuir sentidos e significados” (MORAES, 2003, p.192).

Três etapas distintas compõem a proposta metodológica da ATD: a desconstrução do texto e unitarização; a categorização; e a construção de um metatexto. A unitarização acontece quando se identificam as ‘unidades de análise’, que são fragmentos do texto ao qual atribuímos significados. A segunda etapa caracteriza-se pela categorização dos sentidos implícitos e/ou explícitos no texto, ou seja, pelo agrupamento das unidades de análise por

significado. As categorias são utilizadas como modo de focar o todo por meio das partes, elas constituem-se de diferentes perspectivas do tema da pesquisa, sem que se perca a visão do todo (MORAES, 2003). Depois de realizada a categorização, Moraes (2003) propõe a construção do metatexto (terceira etapa), no qual "a pretensão não é o retorno aos textos originais, mas a construção de um novo texto, um metatexto que tem sua origem nos textos originais, expressando um olhar do pesquisador sobre os significados e sentidos percebidos nesses textos" (MORAES, 2003, p.201).

Esta terceira etapa da análise caracteriza-se como um texto que combina descrição e interpretação. Descrição pois, de acordo com Moraes (2003), este texto apresenta diferentes elementos do tema da pesquisa, enumerando suas qualidades, características e propriedades, ou seja, permanecendo em um nível concreto do tema estudado. A interpretação é uma necessidade vista pelo autor, como forma de complementar a análise, teorizando e dialogando com diferentes autores para mostrar novas compreensões atingidas dentro da pesquisa.

Assim ao lermos as tarefas das professoras-cursistas, nosso material de análise, fomos grifando trechos nos quais apareciam reflexões sobre suas experiências nos fóruns e com o escrever. Nesse movimento identificamos unidades de significado que trazem como temas: dificuldades em escrever, recorrência, criatividade e autonomia, aceitação do outro, conversa com autores, rede de conversação, tecnologia e experiência. Porém não as agrupamos em categorias, uma vez que, percebemos entrelaçamentos entre as unidades/temas, e a separação em categorias fragmentaria essa relação. Dessa maneira consideramos pertinente construir o metatexto a partir das unidades, as quais aparecem no fluir do escrever desse metatexto.

Para Moraes (2003, p. 206)

A produção de um metatexto descritivo-interpretativo, uma das formas de caracterizar a análise textual qualitativa, constitui-se num esforço em expressar intuições e novos entendimentos atingidos a partir da impregnação intensa com o corpus da análise. É, portanto, um esforço construtivo no sentido de ampliar a compreensão dos fenômenos investigados.

Tramamos uma teia entre nossas conversas com os autores, possibilitada pela revisão bibliográfica; as unidades de texto dos escreveres das professoras-cursistas<sup>11</sup>; e nossas

---

<sup>11</sup> A fim de evidenciarmos os escreveres das professoras-cursistas, marcamos seus textos com aspas simples e itálico, seguidos das suas iniciais.

experiências e olhares enquanto pesquisadoras para produzir um argumento explicativo sobre o escrever, o qual se constitui como o metatexto “Escrever: algumas experiências”.

#### 4 ESCREVER: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

Ao ler os escreveres singulares das professoras-cursistas identificamos encontros das suas experiências/percepções sobre o escrever, com os conceitos e entendimentos que fomos tecendo nessa pesquisa. Como primeira reflexão sobre as experiências do escrever trazemos alguns apontamentos sobre as dificuldades em escrever, sobre como a recorrência do escrever facilitou o próprio escrever e os desafios do escrever na EaD mediada pelas tecnologias digitais, espaço em que é necessário escrever para conversar, dialogar e aprender.

*No começo não me senti muito a vontade em escrever sobre as minhas aprendizagens, mas a cada semana, eu conseguia interagir com mais facilidade... - CSA.* A mensagem expressa por esta professora-cursista evidencia a importância da recorrência na experiência do escrever, recorrência esta entendida como o acontecer de novo de uma ocorrência, ou seja, uma ocorrência que se repete, mas não se replica (MATURANA, 2002b). Para o autor estamos em constantes interações recorrentes com o meio no fluir de nossas vidas e nestas interações são desencadeadas mudanças estruturais em nós e no meio, mesmo sem querermos, quer dizer vivemos experienciando situações recorrentes, mas nunca replicadas.

A escrita de EDV mostra a recorrência de maneira ainda mais clara: [...] *às vezes, não é tão fácil escrever, pois ainda não estou tão a vontade e as palavras teimam em não sair. Desde o início do curso até agora, a quinta aula, já estou sentindo progresso, e o medo de errar, no desenvolver as tarefas e de enviar, e até mesmo de colocar as reflexões feitas através das leituras, começam a surgir com uma segurança maior.* Outra professora-cursista traz ainda a questão das mudanças suscitadas pelas interações recorrentes: *Acredito que esta interação efetivada pelo compartilhamento de mensagens escritas permite a troca de idéias, opiniões e experiências muito diversificadas e que se fazem enriquecedoras para todos os usuários que se encontram em processo de formação - SRKB.*

Nessa unidade de texto observamos que a professora-cursista compreende o quanto as interações mediadas pelo escrever também contribuem com o processo formativo, o que vai

ao encontro do entendimento de Maturana (2002b, p.59) sobre nossa história de interações recorrentes e a maneira contingente com que ocorrem em nós mudanças estruturais

Toda interação implica num encontro estrutural entre os que interagem, e todo encontro estrutural resulta num desencadilhamento ou num desencadeamento de mudanças estruturais entre os participantes do encontro. O resultado disto é que, cada vez que encontros recorrentes acontecem, ocorrem mudanças estruturais que seguem um curso contingente com o curso desses. Isto acontece conosco no viver cotidiano, de tal modo que, apesar de estarmos, como seres vivos, em contínua mudança estrutural espontânea e reativa, o curso de nossa mudança estrutural espontânea e reativa se faz de maneira contingente com a história de nossas interações.

Além da recorrência, as professoras-cursistas também apontam a experiência do escrever em fóruns de discussão como uma experiência que possibilita a autonomia, no sentido de ter iniciativa em apresentar suas concepções e de ser responsável pelas mesmas. *Colocar nossa opinião requer responsabilidade e muitas vezes reli meus textos para que eu tivesse a certeza de que conseguiria atingir o objetivo a que me propus ao escrever - LEH.*

Outra professora-cursista também identifica a autonomia como possibilidade, mas neste caso refere-se à autonomia coletiva, quando aborda a questão das discussões poderem ser organizadas e mediadas não apenas por professores e tutores, mas pelos próprios cursistas. *Da análise das falas abordadas no Fórum pelos meus colegas percebi que a atividade interativa foi a ferramenta de maior troca entre nós mesmos, pois possibilitou que todos interagissem expondo convicções e opiniões sem precisar da intervenção de um professor. A autonomia aos poucos viabiliza confiança para demonstrar através da escrita um posicionamento fundamentado através das leituras propostas - CGR.*

A unidade de texto de CGR traz ainda outra reflexão importante quando ela fala sobre trazer na escrita as leituras realizadas. Para Marques (2006, p. 24) “o apoio bibliográfico se deve buscar na hora do escrever, para que seja inspiração, ajude a sair dos impasses, a descortinar novos horizontes e caminhos, não em simples cópia, ajuntamento de citações artificialmente arranjadas para ostentar erudição”, e sim no sentido da co-autoria, do *escrever junto com*, da conversa.

O escrever aparece ainda compreendido como um processo de criatividade quando a professora-cursista SRKB percebe: *[...] o fórum enquanto um espaço*

*interacional/interativo que torna o educando co-criador de todo o conteúdo discursivo.* As professoras-cursistas revelam que suas compreensões sobre o escrever aproximam-se da proposta de Marques (2006, p.21) sobre o “[...] ato de escrever, mais criativo e menos preso às peripécias e marcas da escrita em nosso mundo propenso a se reproduzir no que já é”, quando compreendem que são co-criadoras, são ativas no processo educativo.

Juntamente com as percepções das potencialidades do escrever para si mesmas, as professoras-cursistas também observam que: *Não é sempre fácil colocar aquilo que pensamos num fórum, principalmente porque podem surgir discordâncias e devemos estar preparados para aceitar a visão de cada um - LEH.* Neste mesmo sentido Maturana (2002b, p.66) nos diz que “a aceitação do outro como um legítimo outro não é um sentimento, é um modo de atuar” e esse modo de atuar é imprescindível para o nosso linguajar.

A professora-cursista SRKB também traz à tona a questão da aceitação do outro: *[...] a partir da interação nos fóruns se torna visível a reflexão que possibilita uma afetiva interação entre os sujeitos envolvidos no processo educacional e caracteriza-se como um instrumento mediador de aprendizagem.* Neste relato encontramos a emoção como mediadora da aprendizagem através da afetiva interação mencionada e neste caminho “o amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como um legítimo outro na convivência. Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências” (MATURANA, 2002b, p.67).

No escrever aparentemente solitário, as professoras-cursistas vão se dando conta que estão imersas em uma rede de conversação também com os autores com os quais dialogam: *Acredito que as leituras me fizeram perceber a importância da escrita na formação, na autonomia, na geração de aprendizagens de forma efetiva que proporciona a formação de teias de conhecimento coletivas - CSA.* E CBV acrescenta: *o conversar pela escrita [...] exige que nossas ponderações e argumentações sejam objetivas e embasadas em leituras que nos permitem analisar os assuntos em pauta dentro de um contexto maior. A constante leitura e a participação efetiva nos fóruns contribuem para que tenhamos facilidade em expor nossas opiniões de maneira consistente.*

Marques (2006, p.24) contribui para a compreensão sobre os objetivos das leituras de apoio, para o autor, estas “[...] devem ser pontuais e pontuadoras, isto é, devem ocorrer no momento preciso e circunscrever-se ao assunto da conversa, com o destaque do que parecer

pertinente ao caso”, o conversar com os autores no momento de escrever contribui para organizar algum impasse e para expandir o olhar.

Na concepção de rede de conversação das professoras-cursistas foi incluído o coletivo que foi se constituindo no curso, quando DSM expõe que *durante a interação nos fóruns com os professores, tutores e colegas, percebi a articulação (trama) de redes de conversações que possibilitam a interlocução entre os saberes, tecendo um saber autônomo e ao mesmo tempo dinâmico. O individualismo, aos poucos, deixa de ser o eixo norteador da construção do conhecimento e passa a fazer parte de uma rede de troca de conhecimentos...* Nesta unidade de texto a professora-cursista compreende que o escrever em rede promove uma rede de aprendizagens, a qual só se delineia dessa forma, segundo Maturana (2002b), não pelo encontro, mas pela emoção que o constitui. Para o autor de nada adianta um discurso impecável se o que “fala” e o que “escuta” o fazem a partir de diferentes emoções.

Ainda a mesma professora-cursista, em outra unidade de texto complementa a ideia de aprender em rede quando escreve que: *com o trabalho através da interação em rede pude perceber que já não sustento minha individualidade, pois construo coletivamente o meu saber e o meu fazer. Explorando o aspecto significativo deste "coletivo" posso repensar o meu "fazer" - DSM.*

Na escrita de DSM fica nítida a relação do escrever e o fazer, bem como quando LRM escreve: *Não posso deixar de falar sobre a formação em rede que dá um suporte ao cursista porque possibilita o aluno comparar, expor, escutar, pensar no outro. Os fóruns tiveram essa característica, possibilitaram este tipo de postura, pois ao entrar em contato com a escrita dos colegas tivemos que repensar, construir, elaborar, desconstruir, perceber nossos equívocos, entender melhor algo que não estava compreendido.* Nesse escrever observamos mais um encontro das reflexões das professoras-cursistas com a compreensão de Maturana (2002b, p.89) de que as palavras surgem na convivência e na convivência podem ser transformadas:

[...] mudar os significados das palavras implica mudar os domínios de ação, e mudar os domínios de ação implica mudar o modo de conviver. E por isso também é certo que, se não se mudam as palavras, não mudam as ações que elas configuram, e não muda o modo de viver.

No escrever de outra professora-cursista vem a tona a abordagem sobre a mudança das palavras e dos domínios de ação, ou seja, a relação entre falar e fazer, em uma mescla das aprendizagens suscitadas pelo escrever e também pela leitura: *As várias postagens que foram surgindo, com uma grande contribuição para o saber, envolvendo aprendizagem e tecnologias, incentivaram-nos a discussão, como forma de participação nos fóruns. A leitura das mensagens dos colegas nos remete à análise, reflexão e transformação das ideias compartilhadas, que não termina assim, mas é novamente repassada como uma nova reflexão através da escrita novamente no fórum, sendo, portanto, uma única postagem, sendo transformada em várias outras informações para qualificar nosso processo de troca de conhecimento - ANK.*

Esta rede de conversação como um processo uno está presente em outro escrever, no qual a professora-cursista observa que o estar nesta rede não é apenas uma transposição de espaços ou ferramentas tecnológicas. Para DSM: *A interação através da escrita demonstra-se "cíclica" no sentido em que se propõe que haja mudanças na forma de ser e fazer e não simplesmente a troca de espaço-sala de aula e o espaço virtual.*

Tal reflexão sobre ser e fazer nos remete a consideração de Maturana (2001, p. 181) que afirma: “portanto, são nossas emoções que guiam nosso viver tecnológico, não a tecnologia em si mesma [...]”. Importante essa unidade de texto trazer a questão das tecnologias digitais não como condutoras dos processos de aprendizagem, principalmente porque estamos no espaço da EaD. Neste espaço compreender as tecnologias digitais como meio de interação, possibilita não perdermos de vista que estamos ou não imersos e ativos em um processo educativo pelas nossas emoções e não sendo conduzidos por este ou aquele artefato tecnológico.

Nestes três últimos escreveres, as professoras-cursistas expressam o escrever enquanto experiência, a qual também se referem Varela, Thompson e Rosch (2003, p.156) quando dizem:

[...] devemos inverter a atitude representacionista e tratar o conhecimento dependente do contexto não como um artefato residual que pode ser progressivamente eliminado pela descoberta de regras mais sofisticadas, mas como, na verdade, a própria essência da cognição criativa.

Neste mesmo sentido escreve LSN que: *[...] os fóruns funcionam como um "berçário de idéias", onde escrevemos nossos primeiros conhecimentos, e com as leituras e discussões dos temas propostos, vamos conversando, repensando e qualificando nossas concepções.* Atuando nos fóruns e os compreendendo desta maneira podemos exercitar a cognição criativa na qual “o conhecimento é resultado de uma interpretação contínua que emerge de nossas capacidades de compreensão” (VARELA, THOMPSON e ROSCH, 2003, p. 157).

A experiência de compor esta rede de conversação, a qual foi produzida pelo exercício de escrever o metatexto, possibilitou que ampliássemos as tessituras de compreensão sobre o escrever, entendido agora em outras perspectivas, que não só da conversa, experiência e coletividade.

## 5 UMA EXPERIÊNCIA COM O ESCREVER

Esta pesquisa sobre o escrever possibilitou que exercitássemos nossos próprios movimentos de escrever como uma experiência, na qual estivemos imersas e atentas. Fizemos desta reflexão, não apenas uma reflexão sobre a experiência, mas ela mesma como a própria experiência na qual estivemos em interações recursivas com os autores e os textos das professoras-cursistas, os quais, a cada nova leitura nos mostravam as possíveis tessituras para nossas compreensões e aprendizagens.

Observamos na tessitura composta entre os escreveres de autores que subsidiaram esta pesquisa e os escreveres das professoras-cursistas que, ao escrever e fazer desse escrever um escrever coletivo, que se constrói em espaços de convivência, podemos aprender, num movimento processual de escrever e reescrever. Assim complexificamos o entendimento do escrever não só como experiência, mas que suas compreensões se fazem na experiência de interação e conversa mediadas pela escrita. Foi também possível identificar que a rede de conversação possibilitada por fóruns de discussão se constitui como um todo significativo no qual o movimento e a mudança das palavras geram mudanças nos domínios de ação e esses provocam mudanças nos modos de conviver possibilitando o aprender e a cognição criativa.

A partir deste artigo fica a vontade de identificar e compreender as conexões e complexificações do discurso ao se escrever; quais as contribuições da EaD e das tecnologias digitais para o ato de escrever; e as mudanças trazidas com a escrita digital.

---

## INSIGHTS ON WRITING AS EXPERIENCE AND LEARNING IN DISTANCE EDUCATION

### Abstract

This article discusses the writing as a way to contribute to learning processes in distance education. With this intention, it approaches the writing while experience as a process of conversation, a stir emotion which becomes language and generate structural changes, created by the conviviality of writing space and treat this process as autonomous and creative. Endless are the possibilities of the contexts of writing, but in this research the focus of analysis is the writings of the teacher-students of Specialization in Information and Communication Technologies in Education, which takes place by distance. It is used Qualitative Textual Analysis as a way to evidence the experience with writing of the teacher-students and is composed a metatext in which the encounters of those writings with the comprehensions woven by the authors are identified from the theoretical support that enables the explanatory argument of the analysis.

**Keywords:** Writing; Conversation Networks; Experience; Distance Education; Learning

---

## COMPRESIONES SOBRE EL ESCRIBIR COMO EXPERIENCIA Y APRENDIZAJE EN LA EDUCACION A DISTANCIA

### Resumen

Este artículo discute sobre el escribir como forma de contribuir con los procesos de aprendizaje en el contexto de la educación a distancia. Con esta intención, se aborda el escribir como experiencia, como un proceso de conversación, un emocionar que se torna lenguaje, genera cambios estructurales y contribuye con la autonomía y creatividad en el

espacio de convivencia del escribir. Innúmeras son las posibilidades de los contextos del escribir, sin embargo en esta investigación el foco de las análisis esta en el escribir de profesores-cursistas de la Especialización en Tecnologías de la Información y Comunicación en la Educación, el cual ocurre a distancia. Se basa en el Análisis Textual Discursivo como forma de evidenciar la experiencia con el escribir de esos profesores-cursistas y está compuesta de un metatexto en que son identificados los encuentros del escribir con las comprensiones tejidas por las autoras a partir del soporte teórico que posibilita el argumento explicativo de las análisis.

**Palabras clave:** Escribir; Redes de Conversación; Experiencia; Educación a Distancia; Aprendizaje

---

#### REFERÊNCIAS

GALIAZZI, Maria do Carmo; MORAES, Roque. Educação pela pesquisa como modo, tempo e espaço de qualificação da formação de professores de ciências. *Ciência & Educação*, Bauru: UNESP, v. 8, n. 2, 2002. p. 237-252. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v8n2/08.pdf>. Acesso em: 10 out. 2010.

DUVOISIN, Ivane Alameida; VANIEL, Berenice Vahl; MOURA, Ana Carolina de Oliveira Salgueiro de; LAURINO, Débora Pereira. *Conversar pela escrita: possibilidades de aprendizagens na educação a distância*. In: I ENCONTRO INTERNACIONAL DO SISTEMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, 23, 24 e 25 de novembro de 2009, Brasília.

MARQUES, Mário Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Brasília: Unijuí, 2006.

MATURANA, Humberto Romesin. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto Romesin. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2002a.

MATURANA, Humberto Romesin. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 2002b.

MATURANA, Humberto Romesin. *O que é ensinar?* Disponível em: <http://www.biologiadoamar.com.br/leia.htm>. Acesso em: 27 set. 2010.

MOURA, C. O. S.; LAURINO, D. P.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, Bauru: UNESP, v. 9, n. 2, 2003. p. 191-211. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2011.

MOURA, Ana Carolina de Oliveira Salgueiro de; PIECZARKA, Lilian da Silva; SILVA, Rodrigo Moreira da. *Resgatando valores: uma viagem do eu ao nós*. Rio Grande: NEMA, 2009.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre: PUCRS, n. 38, abril de 2009. p.118-128. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/5309/3879>. Acesso em: 07 jan. 2010.

**Data de recebimento: 01/07/2013**

**Data de aceite: 19/09/2013**